

## **Pesquisar sobre idosos em meio à pandemia da Covid-19**

### **Research about elderly in the midst of the Covid-19 pandemic**

Franciely Fernandes Duarte<sup>1</sup>

Ednalva Maciel Neves<sup>2</sup>

**Resumo:** Este texto emerge como reflexo de inquietações que surgiram diante do contexto pandêmico atual. A Covid-19, doença ainda sem cura e tratamento, causada pelo novo coronavírus - Sars-Cov-2 vem tomando proporções alarmantes e se espalhando por todo o mundo desde o seu surgimento. Dentro do grupo de risco listado para a doença, o principal refere-se às pessoas idosas, desse modo realizar pesquisa sobre/com pessoas idosas em meio a esse contexto, torna-se desafiador. É importante entender a relevância de ter conhecimento epidemiológico sobre quem são as pessoas mais atingidas pelo agente da pandemia. Outro aspecto é quando o grupo de risco toma uma conotação no meio social, que muitas vezes resvala para o âmbito da moralidade e da estigmatização, refletindo no imaginário, e nas representações sobre velhice nas sociedades contemporâneas e, em especial, no Brasil. Tais questões são caras a cultura da velhice, do cuidado, bem como para a cultura brasileira.

**Palavras-chave:** Covid-19. Pesquisa com idosos. Velhice e Envelhecimento. Doença de Alzheimer.

**Abstract:** This text emerges as a reflection of concerns that arose in the current pandemic context. Covid-19, a disease still uncured and treated by the new coronavirus - Sars-Cov-2 has been taking alarming proportions and spreading all over the world since its inception. Within the listed risk group for the disease, the main one refers to the elderly, so conducting research on/with elderly people in the midst of this context becomes challenging. It is important to understand the relevance of having epidemiological knowledge about who are the people most affected by the disease agent. Another aspect is when the risk group takes a connotation in the social environment, which often slips into the scope of morality and stigmatization, reflecting on the imaginary, and in representations about old age in contemporary societies and, especially, in Brazil. Such issues are dear to the culture of the old age, care, as well as to the Brazilian culture.

**Keywords:** Covid-19. Research with the elderly. Aging and old age. Alzheimer's Disease.

### **Introdução**

Há cerca de sete anos venho trabalhando com temas relacionados à velhice, envelhecimento, bem como qualidade de vida e adoecimento dentre as pessoas idosas. Minha trajetória acadêmica sobre tais temas iniciaram na graduação quando produzi meu trabalho de

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Sociologia no Programa de Pós-graduação em Sociologia na Universidade Federal da Paraíba/UFPB. Contato: [francielly.una@gmail.com](mailto:francielly.una@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7682-5063>

<sup>2</sup> Professora de Antropologia e Sociologia da Universidade Federal da Paraíba. Doutorado em Antropologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Contato: [ednmneves@gmail.com](mailto:ednmneves@gmail.com)

conclusão de curso, no qual realizei uma etnografia<sup>3</sup>, sobre os aspectos do cuidado entre e com idosos em uma instituição de centro dia<sup>4</sup> localizada no município de Lucena – PB. No período que realizei o mestrado direcionei meus estudos para as experiências de velhice e envelhecimento em uma comunidade localizada no litoral paraibano<sup>5</sup>, no qual trouxe perspectivas de velhices, cuidados e saúdes imbricadas nas vivências e subjetividades das pessoas que se consideravam “velhas” daquela localidade.

Atualmente em minha pesquisa de doutorado<sup>6</sup>, venho estudando sobre os temas relacionados à velhice, envelhecimento, e demência, em específico, sobre o Alzheimer. Nela buscamos compreender quais as características das classificações e práticas biomédicas que estruturam a racionalidade do discurso médico sobre o diagnóstico clínico da Doença de Alzheimer (DA). Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, no qual através de procedimentos como pesquisa bibliográfica, realização de entrevista semiestruturadas, a utilização de diário de campo, darão subsídios para atingirmos os objetivos pretendidos. O estudo vem sendo realizado juntamente aos familiares cuidadores de pessoas diagnosticadas com DA, bem como, como os profissionais médicos, especialistas, professores e pesquisadores relacionados com a DA, e com alguns gestores de instituições municipais e estaduais da cidade de João Pessoa, PB. Com o intuito de refletir sobre o discurso biomédico em relação à velhice, a demência e em específico o Alzheimer, o modo como a biomedicina produz seus argumentos, a forma como reproduz sua autoridade no meio social para legitimar o discurso clínico, patológico, sobre os aspectos biológicos da vida.

Não diferente de muitos colegas, também fui pega de surpresa pelo momento atual<sup>7</sup> que o mundo está vivenciando. Acredito que como muitos, não imaginei que presenciaria um momento de pandemia, o choque foi nítido por diversos motivos. De fato, me sinto “afetada”

---

<sup>3</sup> Duarte, F. F. Etnografando uma instituição para idosos no município de Lucena (PB): meus primeiros passos como pesquisadora e estudiosa da terceira idade. Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA, João Pessoa, 2015.

<sup>4</sup> O Centro-Dia para Idosos está previsto na Política Nacional do Idoso (Lei Nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994) e no Estatuto do Idoso (Lei Nº 10.741, de 1º de outubro de 2003) como uma modalidade não-asilar de atendimento, onde o idoso dependente ou que possua deficiência temporária necessita de assistência médica ou de assistência multiprofissional, é oferecido também atividades que integram lazer e bem estar.

<sup>5</sup> Duarte, F. F.. “Quando chega a idade”: experiências de envelhecimento na comunidade Nossa Senhora da Guia, Lucena-PB. Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHL, João Pessoa, 2017.

<sup>6</sup> Projeto de Pesquisa: “Velhice, Demência e Alzheimer: a medicalização da velhice como reflexo de uma iatrogênese social.” Orientado pela Professora Ednalva Maciel Neves. Submetido a seleção de Doutorado do Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba. (PPGS/UFPB). Edital Nº 01/2017.

<sup>7</sup> No dia 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS), declarou que o mundo estava iniciando um estado de pandemia da Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus - Sars-Cov-2. O novo coronavírus surgiu em Wuhan, na China no final de 2019 e vem desde então tomando proporções alarmantes e se espalhando por todo o mundo, trata-se de uma doença ainda sem cura e tratamento. No dia 17 de Março foi confirmada a primeira morte por Covid-19 no Brasil.

(FAVRET-SAADA, 2005) pela condição de estudar com e sobre o grupo etário considerado o mais atingido, e mais afetada ainda pela forma como a sociedade tem expressado sua solidariedade, ou não, com essas pessoas.

É preciso que se entenda a relevância de ter conhecimento epidemiológico sobre quem são as pessoas mais atingidas pelo agente da pandemia, outro aspecto é quando o grupo de risco toma uma conotação que, muitas vezes, resvala para o âmbito da moralidade e da estigmatização com as pessoas.

Pessoas com 60 anos ou mais, bem como portadores de doenças crônicas como diabetes e hipertensão, asma ou doenças imunológicas são mais propensos a ter complicações e morrer de Covid-19. Dentro do grupo de risco listado para a doença, o principal refere-se às pessoas idosas. De acordo com o Centro de Políticas Sociais da Fundação Getulio Vargas (FGV social), (2020), a taxa de mortalidade/letalidade da Covid-19 entre pessoas com 80 anos ou mais de idade é 13 vezes maior do que na faixa etária de 50 a 55 anos, essa taxa sobe para até 75 vezes a letalidade quando comparadas com a faixa de 10 a 19 anos de idade.

Os dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua Anual (PNAD Contínua), referente ao ano de 2018, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) evidencia que 10,53% da população brasileira têm 65 anos ou mais. O aumento no número da população com 65 anos ou mais na comparação com as informações de 2012 foi de 20% quando a proporção desses era de 8,8%. Além disso, os dados reafirmam e mantém percepções sociais já relatadas em literaturas sobre o tema da velhice, de que há um número maior de idosos entre as mulheres, de modo que a velhice tem uma face feminina, bem como de que esses idosos em sua grande parte são pessoas que se consideram amarelas ou brancas, evidenciando a alta taxa de mortalidade da população negra no Brasil pessoas brancas e amarelas têm uma maior expectativa de vida e uma taxa de fertilidade menor.

Assim como aponta Queiroz (2011) em meio às características presentes no processo de envelhecimento da população brasileira, podemos destacar a “feminilização” da velhice, tal fato aponta que as mulheres idosas são maioria dentro do segmento etária. Quando se fala que a velhice tem uma face feminina no Brasil pode-se pensar, sociologicamente, que as mulheres continuam suas vidas de cuidadoras. Assim, elas se tornam provedoras das suas famílias, muitas continuam trabalhando fora de suas residências, a citar nesse momento o caso da primeira vítima fatal da Covid-19 no estado Rio de Janeiro, uma senhora de 63 anos de idade que trabalhava como doméstica para uma família na capital fluminense (SIMÕES,

2020). Bem como, são estas que assumem os/as netos/as para que filhas trabalhem, além dos cuidados com a casa. São elas também que passam por situações de violência doméstica<sup>8</sup>.

Segundo o IBGE (2020), as pessoas idosas no Brasil são referência ou chefes de família de 19,3% dos domicílios. No que se refere ao tipo de relação que outros membros de um grupo familiar têm com a pessoa de referência da casa - a pessoa idosa - pode se dizer que 91,5% são avós, 69% são sogros ou sogras e 61% são pais ou mães (IBGE, 2020). Tais questões, apontam para a dificuldade na implementação de uma política de isolamento domiciliar direcionada a população idosa.

Um segundo motivo que me deixou afetada por tais acontecimentos diz respeito à pesquisa com as pessoas idosas, e é aí que cheguei a seguinte inquietação: O que fazer para dar continuidade a minha pesquisa? Tendo em vista os prazos e as prestações de conta frente ao meio acadêmico e aos órgãos de fomentos e concessão de bolsas de pesquisa. Me pego vez ou outra paralisada e ainda em choque, tentando processar todas as informações que me surgem, todas as inquietações e principalmente tentando pensar em como prosseguir com a pesquisa.

Em meio a esse contexto, estava iniciando a pesquisa de campo, na Policlínica Municipal de Saúde da Pessoa Idosa (Antigo CAISI), no município de João Pessoa/PB, a qual se configura para minha pesquisa como principal ponto de referência para o acesso às pessoas, familiares e profissionais ligados a Doença de Alzheimer. Desse modo, após o decreto realizado no dia 11/03 pela OMS, recebi a notificação no dia 15/03 que conforme determinado em reunião gestora, a Secretaria da saúde do Município de João Pessoa, através da Gerência de Educação, informou naquele momento a suspensão temporária<sup>9</sup> dos estágios, pesquisas, internatos e visitas técnicas a todos os campos de prática da rede municipal de saúde, por entender ser uma medida necessária ao enfrentamento da Covid-19. Dessa forma me encontrei impossibilitada de ir a campo tendo então que interromper de forma temporária a pesquisa de campo.

Dentro desse novo contexto, além da revisitação e releituras dos textos sobre o tema, venho verificando possibilidade de aproximação de forma remota aos meus sujeitos de pesquisa, reconfigurar uma parte metodológica da pesquisa. Confesso que ainda anestesiada por esse momento, demorei certo período para conseguir enxergar possíveis soluções ou

---

<sup>8</sup> No Brasil, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (2020) constatou alta de quase 9% nas denúncias de violência realizadas durante o período de isolamento social.

<sup>9</sup> Os atendimentos e consultas na Policlínica Municipal da Pessoa Idosa também foram suspensos de forma temporária, com o objetivo de prezar a segurança e a saúde de todos os usuários do serviço, considerando principalmente o fato de que os pacientes são parte do grupo de risco listado para a Covid-19.

alternativas para minha pesquisa continuar. Como indivíduo social, estudante, pesquisadora, profissional das ciências sociais, senti diretamente o impacto da atual situação de forma financeira, familiar, profissional e psicológica, o que me fez permanecer paralisada, tentando digerir todo o contexto que se passa a minha volta, e que agora toma conta da realidade de todos os brasileiros.

### **Redefinições metodológicas: internet como ferramenta de pesquisa**

O contexto pandêmico que se faz presente em todo o mundo mobilizou diversas estruturas sociais, bem como modificou as formas de interação social. À medida que foram ocorrendo isolamentos sociais nas mais diversas regiões, o aumento de realização de atividade pela internet foi se intensificando de forma gradativa. A internet tornou-se umas das ferramentas mais utilizadas com intuito de aproximação entre as pessoas, seja nas relações comerciais, bem como no meio educacional. Atividades de trabalho passaram a ser desenvolvidas através da internet, atendimentos de restaurantes e bares passaram a adotar a entrega em domicílio através de aplicativos de solicitação de comida de forma mais intensa, e aqueles que já não realizavam essa prática, passaram a realizar. As escolas e universidades passaram a disponibilizar conteúdos virtuais, como forma de manter seus alunos próximos dos estudos. Dessa forma, o mundo inteiro desenvolveu estratégias para dar continuidade às suas atividades ou grande parte delas, sejam elas, de trabalho, de estudos, de lazer, e até mesmo de saúde através da internet. Para o campo das pesquisas acadêmicas tal acontecimento reforça o entendimento de que:

a contemporaneidade não consegue mais desconectar a rede digital do contexto cultural contemporâneo, o que exige a reavaliação da aplicação dos modelos de pesquisa e de coleta de dados devido aos desdobramentos das novas configurações da mídia digital (FERRAZ; ALVES, 2017, p 6).

Como estratégia para tentar dar continuidade a pesquisa, procurei realizar minhas aproximações com o campo de estudo, através da internet. A pesquisa através da internet é muito utilizada no campo acadêmico uma vez que “o acesso a conexões online, é possível garantir a observação e o contato como base preliminar, na busca online como primeira fonte para maioria dos objetos de estudos (FERRAZ; ALVES, 2017, p 6). Desse modo novas ferramentas de coletas de dados passaram a serem usadas e que, de certa forma, não haviam sido pensadas para a metodologia da pesquisa no início da mesma, mas que se apresentam como métodos complementares à metodologia geral, pois “a ciência avança também ao

adaptar procedimentos, técnicas de obtenção de informação, modos de observação e atenção, formas de registros de uma área de conhecimento para outra” (LEITÃO; GOMES, 2018, p 43).

Ao darmos luz aos escritos de Skågeby (2011) em seu texto sobre “Métodos Etnográficos Online”, o autor apresenta o conceito de “etnografia online”, bem como, apresenta os métodos e técnicas utilizadas nessa metodologia de pesquisa. Segundo Skågeby (2011) a etnografia online é uma abordagem qualitativa para coleta de dados em comunidades virtuais, apontando três formas de coletas de dados consideradas pelo mesmo como sendo os mais comuns métodos de identificação usados na etnografia online, sendo estes a “Coleção de Documentos” a “Observação Online” e a “Entrevista Online”.

A “Coleção de Documentos” é apresentada como um conjunto de formas de interação virtual arquivada, como correspondências, listas de arquivos de discussões em fóruns virtuais. A “Observação Online” refere-se ao estudo, a coleta de dados e a recorrente observação do pesquisador por meio de serviços de aplicativos utilizados na prática online, como por exemplo, no uso de serviços de chats de conversas online (SKÅGEBY, 2011). O que diferencia a “Coleção de Documentos” da “Observação online” é que na segunda o processo de pesquisa é realizado em tempo real em sincronia com a interação nas conversas. A “Entrevista Online” de acordo com o autor corresponde ao “uso síncrono, micro-síncrono ou tecnologia de comunicação assíncrona como um mediador de uma entrevista” (SKÅGEBY, 2011, p 414).

Como estratégia metodológica para este estudo se fez necessário a utilização de alguns procedimentos de coleta de dados que fazem parte de metodologias referentes a práticas de “Etnografias Online” apresentadas por SKÅGEBY (2011). Dentro dessa perspectiva a utilização do procedimento “Observação Online” para a coleta de dados emerge como técnica importante e necessária para dar continuidade a minha pesquisa, uma vez que a aproximação dos entrevistados através da participação do “Grupo de apoio da ABRAZ-PB” no aplicativo de WhatsApp<sup>10</sup> se adapta bem a este tipo de procedimento, possibilitando resultados positivos para este estudo. Além da aproximação com os entrevistados, a possibilidade de interagir e ter conhecimento dos conteúdos abordados no grupo virtual possibilita um acompanhamento em tempo real de compartilhamentos de experiências dos familiares de pessoas com Alzheimer, bem como com o processo de adoecimento. Neste espaço os familiares além de compartilhar relatos de momentos difíceis e agradáveis dentro desse processo de adoecimento,

---

<sup>10</sup>Mídia social e rede social virtual

compartilham informações a respeito da patologia, realizam perguntas e tiram dúvidas em ajuda mútua entre eles.

A interação com o grupo e com os participantes possibilitou e vem possibilitando contatos próximos e a realização de “Entrevistas Online”, outro procedimento que se encaixa bem no momento atual deste estudo, devido ao contexto de isolamento social pelo qual estamos passando neste ano de 2020. A realização de entrevistas com os familiares de pessoas com Alzheimer através de vídeos chamadas por meio da plataforma Google Meet<sup>11</sup> configura-se dentro da descrição de “Entrevista Online” de Skågeby (2011), como sendo de característica “síncrona”, ao ser um método realizado em tempo real de forma online com o entrevistado.

Skågeby (2011, p 416) aponta também para tipos de observações empregadas na “etnografia online”, apontando a “observação aberta”, a “observação parcialmente aberta” e a “observação oculta”. No primeiro tipo de observação apresentada pelo autor o pesquisador age como observador participante, o qual realiza interações com os pesquisados no ambiente virtual e se identifica como pesquisador, a segunda observação, o pesquisador interage com os pesquisados apenas em momentos que se refere especificamente a pesquisa, assuntos restritos ou relacionados ao tema pesquisado, neste o pesquisador também se identifica para o grupo pesquisado. A terceira forma de observação mencionada pelo autor, o pesquisador não interage com o grupo pesquisado apenas observa ou interage com a ocultação de sua real identidade, disfarçado, neste não há a identificação do pesquisador como tal e suas intenções não são informadas ao grupo (SKÅGEBY, 2011).

Podemos dizer que a observação realizada por este estudo em momentos de pesquisa através da internet pode ser apontada como uma “Observação aberta” nos termos de Skågeby (2011), uma vez que no “Grupo de apoio da ABRAz-PB” do WhatsApp o qual estou participando, me identifiquei como pesquisadora, e realizo interações com os demais participantes do grupo, interações estas que vão além de assuntos restritos a pesquisa, mantendo uma participação comunicativa com os participantes sobre diversos assuntos tratados no grupo, uma vez que “o pesquisador deve fazer um esforço para experimentar a vida diária conforme ela é composta para os membros regulares da comunidade estudada” (SKÅGEBY, 2011, p 415).

## **Representações sociais sobre a velhice e a covid-19**

---

<sup>11</sup> Plataforma de videoconferências desenvolvida pelo Google.

Um terceiro ponto que me é sensível, é que além das questões de saúde voltada para a pessoa idosa nesse momento, se faz necessário lançarmos luz às questões que envolvem o imaginário social e as representações sobre a velhice nas sociedades contemporâneas e, em especial, no Brasil.

Cabe enfatizar que o processo de envelhecimento é um fenômeno complexo que envolve múltiplas dimensões. Definir velhice não é fácil (CABRAL, 2005). É necessário iniciar um amplo debate sobre este fenômeno. Velhice e envelhecimento no transcurso da história adquirem significados diferentes de acordo com as características de cada cultura. É a partir do contexto histórico, cultural, econômico, político e social que se estabelecem as relações sociais e a partir das quais se estabelecem definições sociais de velhice. Assim, estabelecer conceitos universais aceitáveis e uma terminologia globalmente padronizada para a velhice e para o envelhecimento torna-se complexo (DUARTE, 2017).

Debert (2007, p. 51) aponta que quando pesquisamos um período da vida devemos mostrar “como um processo biológico é elaborado simbolicamente com rituais que definem fronteiras entre idades pelas quais os indivíduos passam e que não são necessariamente as mesmas em todas as sociedades” (DEBERT, 2007, p. 51). As idades são partes dos sistemas classificatórios que relacionam as concepções racionais de controle cronológico do percurso da vida humana, o qual se consolidou desde a modernidade, tornando-se regra social obrigatória, como analisado por Ariès (1981).

Segundo Rezende (2008), a velhice assume uma multiplicidade de aspectos. A velhice pode ser entendida como fato universal ao compreender a mesma como parte do processo de desenvolvimento humano, mas também como um fato individual no qual as subjetividades e as influências do meio são determinantes no processo de envelhecimento. Para Gusmão (2003), cada velhice é consequência de uma história de vida que, com o tempo, soma-se aos processos de desenvolvimento individual e de socialização junto ao meio no qual o indivíduo está inserido.

Para Beauvoir (1990), a velhice é o que acontece aos seres humanos que ficam “velhos”, sendo impossível definir essa pluralidade de experiências em um conceito fechado ou mesmo numa noção de velhice. Pode-se confrontá-los, destacando deles as constantes e dar razão às suas diferenças. Beauvoir enfatiza a complexidade de se chegar a um conceito ou definição de velhice, deixando claro que não se trata de eliminar o conflito das argumentações existentes, mas sim de reconhecê-lo como elemento que tem potencial em mexer com as

organizações e manter um direcionamento propício a mudanças. Dessa forma, não se trata de uma homogeneização, mas de integrar as diferenças (BEAUVOIR, 1990).

Nos dias atuais, deparamo-nos com uma variedade de velhice. Há representações da velhice gratificante, vibrante e produtiva que ganham espaços nos programas da terceira idade e que possibilitam experiências inovadoras que possam ser vividas coletivamente. Nessa velhice, o avanço da idade não é um marcador pertinente de comportamentos e estilos de vida. Também nos deparamos com a velhice asilar, solitária, decadente. A discussão sobre velhice orienta-se por múltiplas vertentes, como a reprivatização da velhice (DEBERT, 1999), um processo em que os dramas dos idosos se transformam em responsabilidades dos indivíduos que negligenciaram seus corpos e foram incapazes de se envolverem em atividades motivadoras.

Atualmente o “ageísmo”, o “etarismo”, o “etaísmo”, o “idadismo” estão mais forte, independente da nomenclatura que usarmos, todos irão nos direcionar a discriminação, ao preconceito, a “uma forma de intolerância que se reflete em comportamentos e atitudes com relação aos idosos” (NERI; TV ABRASCO, 2020). Preconceitos estes que acompanham o imaginário da pessoa idosa há muito tempo, não é algo novo, mas que de certo modo estava escondido embaixo do tapete, e agora está sendo exposto. Tal fato toma proporções ainda maiores quando é legitimado por figuras públicas e políticas, como vêm ocorrendo no Brasil, no qual, até mesmo o atual presidente da república dissemina frases negativas direcionadas a população idosa ao posicionar-se contra o isolamento social. Segundo o atual presidente “os idosos é que deveriam estar trancafiados e não o resto da população, que precisa trabalhar...” (SAKAMOTO, 2020)<sup>12</sup>, declarações como essas acionam um imaginário da pessoa idosa como não necessária no meio social, como alguém não útil, como algo descartável, de que “lugar de velho é em casa”, retirando a autonomia da pessoa idosa, sua capacidade, seus direitos.

### **Considerações finais**

Falar sobre velhice e envelhecimento, sobre a pessoa idosa/velha sempre foi importante no meio acadêmico, e hoje mais do que nunca esses sujeitos merecem ser evidenciados. Os

---

<sup>12</sup> Ver: SAKAMOTO, L. **Bolsonaro quer convencer que vida de idoso é pedágio a pagar ao coronavírus**. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/03/27/bolsonaro-quer-convencer-que-vida-de-idoso-e-pedagio-a-pagar-ao-coronavirus.htm?cmpid=copiaecola>>.

estudos da sociologia indicam o lugar da velhice em nossa sociedade, sua (des) valorização, assim como as relações com as outras gerações.

De acordo com a fala da pesquisadora Anita Neri no painel “Covid-19 no Brasil = gerontocídio?” (2020), promovido pela Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), apresentado na Tv Abrasco<sup>13</sup>, além de um surto de etarismo, o momento de pandemia contribui para acentuar a culpabilização dos idosos por estarem onerando o sistema de saúde, desviando recursos que com justiça para alguns especialistas melhor caberiam ao atendimento dos mais jovens, que produzem riquezas ao invés dos velhos que são inativos. O imaginário social a respeito da pessoa idosa agora vem como precursor para polarizar opiniões e de certo modo intensificar dilemas éticos que já existem, e com tudo os que englobam o direito à vida.

Uma das falas que também chamou atenção nesse mesmo painel da Tv Abrasco, (2020), foi a da geriatra Karla Giacomini ao dizer que a Covid-19 descortinou um Brasil que muitos não queriam ver, e que outra realidade só será possível quando todos tiverem uma política de cuidados ao longo da vida toda, que seja da infância à velhice, para todos os indivíduos brasileiros. O Alexandre Kalache, presidente do Centro Internacional da Longevidade fez uma fala importante, ao dizer que apesar das altas taxas de letalidade de pessoas com 65 anos ao mais no mundo, no Brasil a pandemia tem uma “cara jovem”, segundo ele isso pode ser explicado devido ao fato que “as comorbidades afetam nossa população mais precocemente e por isso adultos jovens se tornam vítimas da Covid-19” (KALACHE; TV ABRASCO, 2020).

Devemos dar visibilidade também aos idosos institucionalizados, cerca de 1% da população idosa do Brasil vivem em Institutos de longa Permanência, estes acabam sendo alvos em potencial de contágio pelo coronavírus, devido acomodações e situações de vivência em alguns destes locais. No entanto ainda me preocupa e chamo atenção para as subnotificações<sup>14</sup> existente no Brasil, que por sinal não são poucas, devido à falta de teste para o diagnóstico da doença.

Infelizmente ainda é cedo para darmos uma cara para a Covid-19 no Brasil, uma vez que a doença ainda encontra-se aumentando de forma catastrófica no nosso país, e os números de diagnósticos e de mortos estão tomando rumos alarmantes. A velhice no Brasil assim como

---

<sup>13</sup> Canal do Youtube: <<https://www.youtube.com/user/tvabrasco>>.

<sup>14</sup> Ver: ESTADÃO CONTEÚDO. **Subnotificação do coronavírus no Brasil ganha destaque no Financial Times.** 2020. Disponível em:<[https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/04/20/interna\\_nacional,1140321/subnotificacao-coronavirus-no-brasil-ganha-destaque-financial-times.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/04/20/interna_nacional,1140321/subnotificacao-coronavirus-no-brasil-ganha-destaque-financial-times.shtml)>.

apontou a presidente do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento "é mulher, pobre e negra, a situação mais desigual, a de piores condições nesse cenário de pandemia" (BERZINS; TV ABRASCO, 2020).

Desse modo de acordo com Duarte (2017) como pesquisadores, devemos direcionar nosso olhar para as novas políticas e cuidados dedicados a esta população. Devemos considerar e compreender as diferentes modalidades e formas de experienciar a velhice para cada um destes indivíduos, de acordo com o meio social em que os mesmos estão inseridos e com a subjetividade própria a qual envolve as formas de vivenciar o envelhecimento.

Deve ser ressaltado que as questões que perpassam o processo de envelhecimento estão longe de ser esgotadas pelos estudos sobre a temática da velhice. Há, ainda, muitas questões que merecem ser discutidas e aprofundadas à medida que, a cada dia, surgem novas demandas que envolvem as pessoas velhas/idosas. Aparecem, assim, novas configurações que permeiam o processo de envelhecimento, entendendo que estas configurações são construídas e reconstruídas por esses indivíduos no constante movimento do fazer social (DUARTE, 2017).

O recorte geracional – a velhice - perpassa todos os outros marcadores sócias da diferença, por isso e não somente por isso que devemos olhar para nossos idosos e defender seus direitos, pois tais questões são caras a cultura da velhice, a cultura do cuidado, bem como para a cultura brasileira.

Apesar de algumas impossibilidades levantadas pelo contexto de pandemia para o desenrolar da pesquisa, outras novas formas de acesso foram surgindo, novas técnicas e formas de pesquisa precisaram ser desenvolvidas, e ainda estão em desenvolvimento com o intuito de alcançar os objetivos da pesquisa. A minha aproximação com a ABRAZ-PB tornou-se mais estreita, e é a partir desta Associação que estou tendo contato com alguns interlocutores da pesquisa por meio remoto e assim realizando entrevistas. A pesquisa de campo na Policlínica tornou-se algo impossível nesse período de crise sanitária, esperamos com perspectivas positivas, mudanças no contexto de saúde coletiva a respeito da pandemia, e assim possa ser possível darmos continuidade a pesquisa empírica presencial. A alternativa de dar continuidade à pesquisa por meio virtual (com a realização de entrevistas e observação em grupos de interação social) trouxe caminhos amplos e satisfatórios, com possibilidades verdadeiras de alcançar os objetivos pretendidos.

## Referências

- ARIÉS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1981.
- BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- CABRAL, B. E. da S. L. Mulher e Velhice. In: BRITTO DA MOTTA, A.; AZEVEDO, E. L.; GOMES, M. (orgs). **Reparando a Falta: Dinâmicas de Gênero em Perspectiva Geracional**. – Salvador: UFBA / Núcleode Estudos Interdisciplinares sobre a mulher, p.53-62, 2005.
- DEBERT, G. G. **Velhice e o curso da Vida pós-moderno**. Revista USP, São Paulo, nº. 42, junho/agosto, p. 70-83, 1999.
- DEBERT, G. G.. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, M. M. L. de. (org.). **Velhice ou Terceira Idade ?** Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 13-34, 2007.
- DUARTE, F. F.. **“Quando chega a idade”: experiências de envelhecimento na comunidade Nossa Senhora da Guia, Lucena-PB**. Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA, João Pessoa, 2017.
- FAVRET-SAADA, J. Ser afetado. Trad. Paula de Siqueira Lopes. **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 155-161, 2005.
- FERRAZ, C. P.; ALVEZ, A. P. Da etnografia virtual à etnografia online: deslocamentos dos estudos qualitativos em rede digital. **41º Encontro Anual ANPOCS**. Caxambu, 2017.
- FGV SOCIAL. **Onde estão os idosos? Conhecimento contra o Covid-19**. 2020. Disponível em < [WWW.fgv.br/fgvsocial/covidage](http://WWW.fgv.br/fgvsocial/covidage)> Acesso em: 15 de maio de 2020.
- GUSMÃO, N. M. M. (Org.) **Infância e velhice: pesquisa de idéias**. Campinas, SP: Alínea, 2003.
- IBGE. **Indicadores IBGE: pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua**. 2018. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao.html>> Acesso em: 15 de maio de 2020.
- LEITÃO, D. K.; GOMES, Laura Graziela. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Antropolítica Revista Contemporânea de Antropologia**, v. 1, n. 42, 2018.
- MDH. **Coronavírus: sobe o número de ligações para canal de denúncia de violência doméstica na quarentena**. Disponível em: <<https://www.mdh.gov.br/todas-as-noticias/2020-2/marco/coronavirus-sobe-o-numero-de-ligacoes-para-canal-de-denuncia-de-violencia-domestica-na-quarentena>>. Acesso em: 17 de maio de 2020.
- QUEIROZ, Mírian da Silva. **Um olhar sobre a face feminina da velhice**. 2011.
- SIMÕES, M.. Primeira morte do Rio por coronavírus, doméstica não foi informada de risco de contágio pela “patroa”. **Pública**. 2020. Disponível em: < <https://apublica.org/2020/03/primeira-morte-do-rio-por-coronavirus-domestica-nao-foi-informada-de-risco-de-contagio-pela-patroa/>>. Acesso em: 15 de maio de 2020.
- REZENDE, C. B. **A Velhice na Família: estratégias de sobrevivência**. 2008. 156f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Franca, 2008. Disponível em:<[http://www.franca.unesp.br/Home/Posgraduacao/ServicoSocial/Dissertacoes/Cristiane\\_Barbosa.pdf](http://www.franca.unesp.br/Home/Posgraduacao/ServicoSocial/Dissertacoes/Cristiane_Barbosa.pdf)>. Acesso em: 24 ago. 2020.
- SKÅGEBY, J.. Online ethnographic methods: towards a qualitative understanding of virtual community practices. In: **Handbook of research on methods and techniques for studying virtual communities: paradigms and phenomena**. IGI Global, p. 410-428. 2011.
- TV ABASCO. **Agora Abrasco Painel Covid-19 no Brasil = Gerontocídio?**. 2020. 1 post (2 horas 07 min 27s). Transmitido ao vivo em 29 de abr. de 2020. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Bdr7FVJybo&t=5173s> >. Acesso em: 29 de abril de 2020.